

Memórias em disputa em imagens de IA generativa: um estudo desenvolvido pelo Grupo Memória (UFLA)*



Talita Souza Magnolo**

Recibido: 2025-11-12 • Enviado a pares: 2026-01-29
Aprobado por pares: 2026-04-07 • Aceptado: 2026-04-14
<https://doi.org/10.22395/angr.v25n49a10>

Resumo

O artigo analisa como imagens produzidas por Inteligência Artificial generativa participam da reconstrução visual da memória coletiva e das disputas simbólicas em torno do passado. A pesquisa justifica-se pela crescente circulação de imagens sintéticas em ambientes digitais e pela necessidade de compreender seus efeitos sobre formas contemporâneas de lembrar, fabular e representar experiências históricas. O estudo parte do diálogo entre estudos da memória, teoria da imagem, crítica da inteligência artificial e tecnodiversidade, compreendendo a técnica como fenômeno cultural, político e situado. Metodologicamente, desenvolve-se uma abordagem qualitativa e exploratória, organizada em duas etapas: mapeamento de produções visuais geradas total ou parcialmente por IA e da análise interpretativa de um corpus composto por trabalhos de Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, André Lima e pelo perfil Orixás da IA. A análise articula três categorias: lembrar/celebrar, imaginários do passado e ressignificação, entendidas como gestos de mediação entre imagem, memória e tecnologia. Os resultados indicam que essas produções não apenas recuperam referências nostálgicas ou históricas, mas também elaboram passados possíveis, afetivos e especulativos, especialmente em narrativas ligadas a grupos historicamente marginalizados. Conclui-se que a IA generativa constitui um campo ambivalente de disputa da memória: ao mesmo tempo em que pode reproduzir padrões hegemônicos e vieses culturais, também pode ser apropriada para imaginar outras presenças, visualidades e formas de inscrição histórica.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Memória; Imagem; Cultura; Comunicação; Tecnologia da informação; Representação.

* Estudo desenvolvido dentro do Grupo de Pesquisa (CNPq) Memória, do curso de Comunicação Integrada e Mídias Digitais, da Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil, A pesquisa apresentada foi desenvolvida ao longo do ano de 2025.

** Professora no curso de Comunicação Integrada e Mídias Digitais, na Universidade Federal de Lavras. Doutora e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF. Pesquisadora Associada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa (CNPq) Memória. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6240-388X>. E-mail: talita.magnolo@ufla.br

Disputed Memories: Generative AI Images and Visual Reconstructions of the Past

Abstract

This article analyzes how generative AI images participate in a visual reconstruction of collective memory and in symbolic disputes surrounding the past. This research is justified by the increasing circulation of synthetic images in digital environments and by the need to understand their effects on contemporary ways of remembering, imagining, and representing historical experiences. The study draws on a dialogue between memory studies, image theory, AI critique, and techno diversity, understanding technology as a cultural, political, and situated phenomenon. Methodologically, a qualitative, exploratory approach is developed in two stages: AI-generated, wholly or partially, visual production mapping, and an interpretive analysis of a corpus comprising the works of Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, and André Lima, as well as Orixás da IA's profile. The analysis articulates three categories: remembering/celebrating, past imaginaries, and resignification, understood as mediative gestures between image, memory, and technology. Results indicate that these productions not only recover nostalgic or historical references but also elaborate possible, affective, speculative pasts, especially in narratives linked to historically marginalized groups. It concludes that generative AI constitutes an ambivalent field of dispute over memory. At the same time, it can reproduce hegemonic patterns and cultural biases; it can also be appropriated to imagine other presences, visualities, and forms of historical inscription.

Keywords: Artificial intelligence; Memory; Image; Culture; Communication; Information technology; Representation.

Memorias en disputa: imágenes de IA generativa y reconstrucciones visuales del pasado

Resumen

El presente artículo analiza cómo las imágenes producidas por inteligencia artificial generativa participan en la reconstrucción visual de la memoria colectiva y en las disputas simbólicas en torno al pasado. La investigación se justifica por la creciente circulación de imágenes sintéticas en entornos digitales y por la necesidad de comprender sus efectos sobre las formas contemporáneas de recordar, fabular y representar experiencias históricas. El estudio parte del diálogo entre los estudios de la memoria, la teoría de la imagen, la crítica de la inteligencia artificial y la tecnodiversidad, entendiendo la técnica como un fenómeno cultural, político y situado. Metodológicamente, se desarrolla un enfoque cualitativo y exploratorio, organizado en dos etapas: el mapeo de producciones visuales generadas total o parcialmente mediante IA y el análisis interpretativo de un corpus compuesto por trabajos de Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, André Lima y del perfil Orixás da IA. El análisis articula tres categorías: recordar/celebrar, imaginarios del pasado y resignificación, entendidas como gestos de mediación entre imagen, memoria y tecnología. Los resultados indican que estas producciones no solo recuperan referencias nostálgicas o históricas, sino que también elaboran pasados posibles, afectivos y especulativos, especialmente en narrativas vinculadas a grupos históricamente marginados. Se concluye que la IA generativa constituye un campo ambivalente de disputa de la memoria: al mismo tiempo que puede reproducir patrones hegemónicos y sesgos culturales, también puede ser apropiada para imaginar otras presencias, visualidades y formas de inscripción histórica.

Palabras clave: Inteligencia artificial; Memoria; Imagen; Cultura; Comunicación; Tecnología de la información; Representación.

Introdução

Estamos conscientes das reais implicações que envolvem a relação entre a Inteligência Artificial e a (re)construção da memória por meio da geração de imagens? Nora (1997) afirma que a memória constitui um ato humano de resistência. Atualmente, diante do avanço das novas tecnologias, testemunhamos uma multiplicidade de criações, reconstruções e rememorações que se valem da IA para produzir fotografias, ilustrações, vídeos e outras formas de expressão comunicacional.

Frequentemente, a IA é associada ao *machine learning* (aprendizado de máquina), ao *deep learning* (aprendizado profundo) e ao conceito de futuro. Contudo, é importante esclarecer que o campo da IA é muito mais amplo, abrangendo distintas teorias e tecnologias (Boden, 2020). Refletir sobre a IA requer considerar um espectro de áreas, como a vida artificial, o raciocínio automatizado (Santaella, 2023), a computação bioinspirada (Lee, 2019), a mineração de dados e de conceitos (Faustino & Lippold, 2023), os agentes e controles inteligentes (Coeckelbergh, 2023), a representação do conhecimento e a robótica baseada em cognição e comportamentos (Boden, 2020), entre outras. Mas, e a memória? Que lugar ela ocupa em uma sociedade que tende a vincular a IA exclusivamente ao porvir?

Há múltiplas formas de interpretar uma imagem. Burke (2017) considera a imagem como evidência histórica; Aumont (1993) defende que a produção de imagens sempre atende a propósitos específicos, vinculando-as ao domínio simbólico (Bourdieu, 2021), o que as posiciona como mediadoras entre a realidade e o espectador. Gombrich (1999) destaca a função da imagem como algo que transcende sua forma exterior, enquanto Domenech (2011) valoriza a interpretação do observador como fator determinante de seu significado cultural e social.

Essas possibilidades, aliadas às técnicas de geração de gestos faciais e renderização em vídeos, vêm sendo cada vez mais empregadas para eternizar figuras públicas e reinterpretar eventos históricos. Trata-se de um momento paradoxal: apesar do receio em relação ao uso dessas tecnologias, não abrimos mão das conveniências práticas e das gratificações emocionais proporcionadas pelos dispositivos digitais (Santaella, 2023). Estamos sendo digitalmente (re)configurados. Entre as aplicações mais polêmicas da IA está a técnica de *deepfake*, que dificulta a identificação de manipulações visuais e audiovisuais de conteúdos sintéticos apresentados como autênticos

Essa revolução tecnológica levanta implicações nos campos psicológico, ético, social, cultural e histórico, gerando riscos como campanhas de desinformação, perda de credibilidade da mídia e mudanças na percepção da realidade. As imagens produzidas artificialmente podem gerar "realidades ilusórias", alterando nossa relação com a autenticidade e a verdade. Benjamin (2012) já apontava, ao analisar a fotografia e

o cinema, que a reprodutibilidade técnica transformou profundamente essa relação. Mesmo em sua forma mais perfeita, a reprodução carece do “aqui e agora” da obra de arte, desua aura — elemento único e insubstituível.

Essa reflexão de Benjamin permanece atual frente às *deepfakes* que evocam o passado, na tentativa de reviver momentos irrecuperáveis. Assim, cabe indagar: como pensar novas formas de rememoração e questionar os vieses presentes nas representações do passado geradas por IA? Tal questionamento se torna ainda mais relevante diante do conceito de memória coletiva, conforme elaborada por Halbwachs (2006), que intensifica o vínculo afetivo com as imagens e com o passado que elas representam. Parte-se, então, do pressuposto de que a IA representa uma nova fase nos estudos da memória, especialmente ao criar novas formas de representação do passado.

Porém, conforme argumenta Coeckelbergh (2023), os sistemas algorítmicos tendem a perpetuar vieses, uma vez que são treinados com dados muitas vezes impregnados por discriminações enraizadas na cultura. Embora haja esforços regulatórios em diversos países, persistem obstáculos complexos, sustentados por sistemas internacionais e por grandes corporações tecnológicas (*Big Techs*), que dificultam a transparência e a garantia de conformidade.

A pergunta que orienta esta pesquisa é: de que modo imagens produzidas por Inteligência Artificial generativa participam da reconstrução visual da memória coletiva e das disputas simbólicas em torno do passado? A partir dessa questão, o artigo tem como objetivo analisar produções imagéticas geradas total ou parcialmente por IA que representam o passado, buscando compreender como essas imagens mobilizam gestos de lembrança, fabulação e ressignificação do passado.

O corpus analisado é composto por produções de Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, André Lima e pelo perfil Orixás da IA, selecionadas por apresentarem imagens criadas com o uso de IA generativa e voltadas à representação ou reinvenção de temporalidades passadas. Embora distintas entre si, essas produções foram reunidas por compartilharem três características: circulam em ambientes digitais, mobilizam visualmente referências ao passado e acionam disputas em torno da memória, seja por meio da nostalgia, da fabulação histórica, da ancestralidade, da cultura popular ou da representação de grupos historicamente marginalizados.

Metodologicamente, o artigo desenvolve uma abordagem qualitativa e exploratória, em diálogo com a análise de conteúdo e com a perspectiva da tecnodiversidade. A proposta não pretende apresentar um método fechado ou plenamente consolidado, mas sim um percurso analítico em desenvolvimento, voltado à leitura de imagens geradas por IA a partir de três categorias: (1) lembrar/celebrar, (2) imaginários do passado e (3) ressignificação. Essas categorias funcionam como operadores interpretativos

para observar diferentes modos pelos quais a IA generativa participa da elaboração visual da memória.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A primeira apresenta o referencial teórico sobre imagem, memória, inteligência artificial e tecnodiversidade. A segunda descreve os procedimentos metodológicos, o corpus e as categorias analíticas. A terceira desenvolve a análise das imagens selecionadas. Por fim, a quarta seção apresenta a discussão e as conclusões, retomando os principais achados do estudo e indicando possibilidades para pesquisas futuras.

Imagem, memória e tecnodiversidade nas visualidades geradas pela IA

A relação entre imagem e memória constitui um campo privilegiado para compreender disputas simbólicas em torno do passado. As imagens documentam acontecimentos, sujeitos e práticas sociais e participam da construção dos modos pelos quais determinadas experiências são lembradas, esquecidas ou reinterpretadas. Por esse motivo, toda imagem deve ser compreendida como uma mediação cultural, atravessada por condições históricas, técnicas, políticas e estéticas.

Burke (2017) compreende a imagem como evidência histórica, isto é, como um vestígio capaz de oferecer pistas sobre formas de vida, valores e imaginários de determinado contexto. No entanto, a imagem não pode ser tomada como reflexo transparente da realidade. Aumont (1993) observa que a produção imagética responde a finalidades específicas, enquanto Bourdieu (2021) permite pensar o domínio simbólico como espaço de disputas por legitimidade, representação e reconhecimento. Desse modo, imagens que representam o passado operam como registros ou ilustrações, mas também como formas de organização sensível da memória.

Essa compreensão torna-se especialmente relevante quando se considera a memória como fenômeno social. Halbwachs (2006) argumenta que a memória individual se constitui a partir de quadros coletivos, pois lembrar envolve referências, linguagens e pertencimentos compartilhados. Nora (1997), por sua vez, destaca que os lugares de memória emergem quando determinadas sociedades passam a produzir suportes materiais e simbólicos para preservar vínculos com o passado. Na contemporaneidade digital, esses suportes se expandem para ambientes conectados, nos quais imagens, vídeos, bancos de dados, arquivos digitais e plataformas participam da circulação de memórias.

Nesse contexto, imagens produzidas por Inteligência Artificial generativa introduzem novas questões para os estudos da memória. Diferentemente de fotografias, filmes ou documentos históricos tradicionais, essas imagens podem representar acontecimentos que não foram registrados, cenas que nunca existiram ou passados

possíveis elaborados a partir de comandos textuais, modelos computacionais e bases de dados. Elas não se limitam, portanto, a recuperar visualmente o passado, mas podem produzir formas especulativas de rememoração.

A IA generativa deve ser compreendida como parte de um ecossistema técnico e cultural mais amplo. Seus resultados derivam de sistemas treinados em grandes conjuntos de dados, nos quais estão inscritos padrões visuais, sociais e históricos. Por isso, as imagens geradas por IA não são neutras. Elas carregam marcas dos repertórios que alimentam os modelos, dos comandos formulados por seus usuários, das escolhas estéticas de quem as produz e das condições políticas econômicas das plataformas em que circulam.

É nesse ponto que a tecnodiversidade, conforme proposta por Yuk Hui (2020), oferece uma contribuição relevante. Ao questionar a ideia de uma tecnologia universal e neutra, a tecnodiversidade permite pensar que toda técnica está vinculada a modos específicos de compreender o mundo, organizar a experiência e produzir sentido. Aplicada ao campo da IA generativa, essa perspectiva ajuda a deslocar a análise de uma visão puramente instrumental da tecnologia para uma compreensão situada das imagens, dos dados e das formas de representação.

Pensar a IA a partir da tecnodiversidade significa perguntar quais cosmologias, histórias e formas de vida são reconhecidas pelos sistemas técnicos e quais permanecem invisibilizadas. Também significa observar como artistas, comunicadores e produtores culturais podem se apropriar dessas ferramentas para fabular imagens, tensionar arquivos existentes e reinscrever sujeitos historicamente marginalizados no campo da visualidade. Portanto, o debate sobre IA e memória não se restringe aos riscos de falsificação ou desinformação, embora esses riscos sejam importantes. Ele também envolve disputas em torno da presença, da ausência, do reconhecimento e da imaginação histórica.

As imagens analisadas neste artigo situam-se nesse campo de ambivalência. Algumas mobilizam referências nostálgicas e afetivas da cultura audiovisual; outras elaboram passados especulativos ligados à experiência de pessoas negras, indígenas, periféricas ou vinculadas a saberes ancestrais afro-brasileiros. Em todos os casos, interessa observar como a IA generativa atua como mediação entre repertórios técnicos, desejos de memória e disputas por representação.

Em vez de tratar essas imagens como simples produtos tecnológicos, busca-se compreendê-las como visualidades situadas, nas quais se cruzam técnica, memória, cultura e imaginação. A partir dessa perspectiva, a seção seguinte apresenta os procedimentos metodológicos, o corpus e as categorias analíticas mobilizadas nesta investigação.

Metodologia: corpus e categorias de análise

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, voltada à análise de imagens produzidas total ou parcialmente por Inteligência Artificial generativa que tematizam o passado. A investigação foi organizada em duas etapas complementares. A primeira consistiu no mapeamento de produções imagéticas geradas por IA generativa e publicadas em ambientes digitais, especialmente em redes sociais e em páginas jornalísticas ou culturais.

Nessa etapa, buscou-se identificar imagens que acionassem referências visuais ao passado, tais como personagens da cultura midiática, cenas históricas, fotografias ficcionais, memórias ancestrais, arquivos imaginados, territorialidades populares e representações de grupos historicamente marginalizados.

A segunda etapa consistiu na análise interpretativa das imagens selecionadas, em diálogo com a análise de conteúdo. A análise de conteúdo foi mobilizada como orientação qualitativa para a identificação de temas, recorrências visuais, sentidos simbólicos e modos de representação. A leitura das imagens considerou tanto seus elementos formais — composição, estética, temporalidade sugerida, personagens, cenários e marcas de historicidade — quanto seus contextos de circulação, autoria, legendas, entrevistas e demais informações disponíveis sobre os projetos analisados.

O corpus da pesquisa é composto por produções de Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, André Lima e pelo perfil Orixás da IA. A seleção desses casos obedeceu a quatro critérios: (i) as imagens deveriam ser geradas total ou parcialmente por IA generativa; segundo; (ii) deveriam representar, recriar ou imaginar temporalidades passadas; (iii) deveriam circular em ambientes digitais acessíveis ao público; e (iv) deveriam apresentar relevância para pensar disputas de memória, seja por meio da nostalgia, da fabulação histórica, da ancestralidade, da cultura popular ou da representação de sujeitos e grupos historicamente invisibilizados.

Embora os casos analisados sejam distintos entre si, eles foram reunidos por compartilharem um mesmo problema comunicacional: o uso da IA generativa como mediação visual para produzir imagens do passado. Brunno Sarttori é mobilizado por suas recriações de personagens ligados à memória televisiva e afetiva brasileira; Mayara Ferrão, pelo projeto "Álbuns de Desesquecimentos", no qual imagens sintéticas elaboram narrativas de afeto protagonizadas por pessoas negras e indígenas; Pedro Garcia, pelo projeto "Carnavais Artificiais", que combina fotografia, IA e imaginação carnavalesca; André Lima, por suas imagens que recriam visualidades da favela e do carnaval carioca em décadas passadas; e o perfil Orixás da IA, pela circulação de imagens e vídeos associados a saberes ancestrais afrodiáspóricos e às religiões de matriz africana.

A análise foi orientada por três categorias: (1) lembrar/celebrar, (2) imaginários do passado e (3) ressignificação. Essas categorias são compreendidas como operadores interpretativos que auxiliam na observação de diferentes gestos de construção visual da memória. Elas emergem da articulação entre o referencial teórico e a observação inicial do corpus, funcionando como uma proposta analítica exploratória.

A categoria "lembrar/celebrar" refere-se a imagens que retomam referências já reconhecidas no imaginário coletivo, mobilizando nostalgia, homenagem e afetos vinculados a experiências compartilhadas. Nessa categoria, o passado aparece como uma memória reconhecível, frequentemente associado a personagens, obras, cenas ou símbolos culturais previamente consolidados.

A categoria "imaginários do passado" diz respeito a imagens que não se limitam a recuperar referências existentes, mas que produzem passados possíveis, especulativos ou fabulados. Nesses casos, a IA generativa é utilizada para imaginar cenas não registradas, afetos não arquivados ou experiências historicamente silenciadas. Trata-se de uma categoria especialmente relevante para pensar visualidades ligadas à ancestralidade, à experiência colonial, às populações negras e indígenas e às disputas em torno dos arquivos históricos.

A categoria "ressignificação" é compreendida, nesta pesquisa, como um gesto transversal às duas categorias anteriores. Ela ocorre quando imagens geradas por IA deslocam sentidos estabilizados sobre determinados sujeitos, territórios ou acontecimentos, propondo outras formas de visualização do passado e de atribuição de sentido a ele.

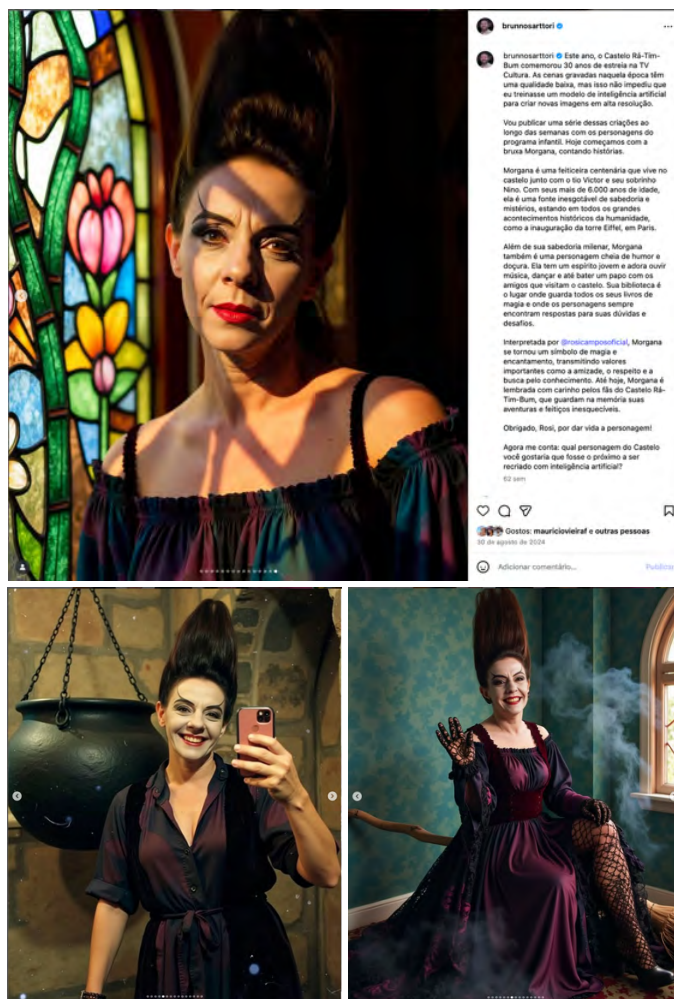
Resultados: imagens de IA generativa e reconstruções visuais do passado

A análise do corpus permite observar que as imagens participam da reconstrução visual do passado a partir de diferentes gestos de memória. Os casos analisados não constituem um conjunto homogêneo de produções, mas compartilham o uso da IA como mediação técnica e estética para elaborar visualidades associadas a temporalidades passadas. A partir das categorias propostas, identificam-se três movimentos principais: a retomada nostálgica de referências compartilhadas, a fabulação de passados possíveis e a ressignificação de sujeitos, territórios e cosmologias historicamente marginalizados ou invisibilizados

A primeira categoria, lembrar/celebrar, refere-se às imagens que retomam referências já consolidadas no imaginário coletivo, mobilizando afetos, nostalgia e reconhecimento cultural. Nesses casos, a IA generativa é utilizada para produzir uma atualização visual de elementos previamente conhecidos, aproximando o passado e o presente por meio de uma estética renovada.

O trabalho de Brunno Sarttori sobre os 30 anos do programa Castelo Rá-Tim-Bum, da TV Cultura, exemplifica essa operação. Ao recriar personagens associados à memória televisiva brasileira, o jornalista mobiliza uma referência cultural compartilhada por diferentes públicos, especialmente aqueles que tiveram contato com o programa durante a infância. As imagens produzidas por IA não apenas recuperam personagens conhecidos, mas também os reposicionam em uma visualidade tecnicamente atualizada, com maior definição, acabamento digital e uma atmosfera onírica.

Figura 1 – Postagens de Brunno Sarttori.



Fonte: Captura de tela (Sarttori, 2024).

Nesse caso, a IA generativa atua como ferramenta de celebração da memória midiática. A homenagem aos personagens e aos artistas que os interpretaram reforça o vínculo afetivo com uma obra televisiva já inscrita no repertório cultural brasileiro. O passado aparece como lembrança reconhecível, associada à nostalgia e à permanência simbólica de uma produção audiovisual. A imagem sintética não busca necessariamente questionar a memória existente, mas sim reativá-la por meio de uma nova materialidade visual.

Ao mesmo tempo, esse caso permite observar que a memória é preservada, mas também reconfigurada. A atualização estética promovida pela IA transforma a aparência dos personagens e reinscreve o programa em uma lógica contemporânea de circulação digital. Assim, lembrar e celebrar não significam simplesmente reproduzir o passado, mas também reeditá-lo segundo os recursos técnicos, visuais e afetivos disponíveis no presente.

A segunda categoria, imaginários do passado, corresponde a imagens que não se limitam a retomar referências já reconhecidas. Nesses casos, a IA generativa é mobilizada para imaginar cenas que não foram registradas, afetos que não foram preservados em arquivos oficiais ou presenças historicamente apagadas. Trata-se de uma operação distinta da nostalgia, pois o passado não aparece apenas como retorno, mas também como possibilidade especulativa.

O projeto “Álbuns de Desesquecimentos”, de Mayara Ferrão, ocupa lugar central nessa categoria. A artista utiliza IA em fotografias e vídeos para construir narrativas de afeto protagonizadas por pessoas negras e indígenas. As imagens evocam a estética de arquivos fotográficos antigos, com granulação, preto e branco, poses coletivas, indumentárias e marcas visuais associadas a temporalidades históricas. No entanto, elas não pretendem funcionar como documentos de eventos efetivamente registrados. Seu gesto está na criação de uma memória possível diante das lacunas e das violências dos arquivos coloniais.

Figura 2 – Imagem produzida por IA Generativa.



Fonte: Badauê (2024).

A força do projeto está justamente nessa tensão entre aparência documental e fabulação. Ao produzir imagens de mulheres negras e originárias expressando vínculos afetivos em contextos historicamente marcados pela violência colonial, a artista tensiona os modos como esses corpos foram enquadrados nos arquivos públicos e nas visualidades dominantes. A IAG, nesse caso, é utilizada para imaginar formas de

presença que foram negadas ou silenciadas pelas imagens históricas tradicionalmente disponíveis.

O projeto de Mayara Ferrão evidencia que a IA pode participar de práticas de desesquecimento. Isso não significa preencher lacunas históricas com uma verdade visual definitiva, mas criar imagens capazes de expor a própria ausência de registros afetivos, dignos e complexos sobre determinados sujeitos. O passado produzido por essas imagens é especulativo, mas politicamente significativo, pois questiona os limites do arquivo e da representação.

Figura 3 – Imagens produzidas por IA Generativa.



Fonte: Badauê (2024).

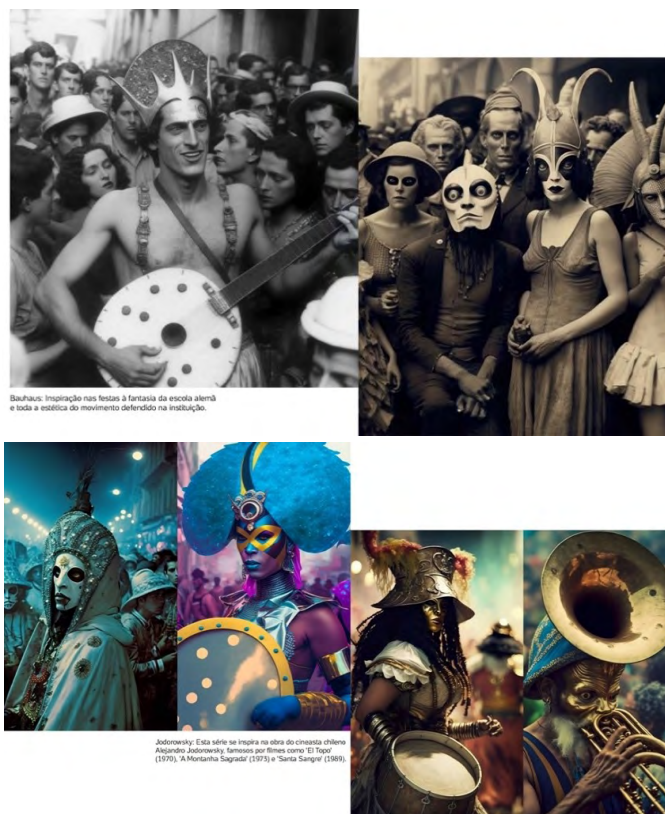
Também na categoria dos imaginários do passado situa-se o projeto "Carnavais Artificiais", de Pedro Garcia. Ao combinar fotografia de rua, carnaval e IA, o fotógrafo elabora imagens que transitam entre a documentação e a invenção. Suas produções

partem de experiências reais ligadas à festa popular, mas são transformadas por procedimentos algorítmicos que introduzem cenários, personagens e atmosferas ficcionais.

Nesse caso, o passado carnavalesco não aparece como reconstrução fiel de um evento específico, mas como elaboração estética de uma memória cultural. As imagens articulam referências históricas, visualidades populares e elementos distópicos ou fantásticos. A IA amplia as possibilidades de criação do fotógrafo ao permitir combinações visuais que ultrapassam os limites da captura fotográfica tradicional. Assim, o carnaval é tratado como memória viva, mas também como campo de invenção.

Mayara Ferrão e Pedro Garcia permitem observar que os imaginários do passado operam pela fabulação. Em ambos os casos, a IA generativa não apenas representa o que teria existido, mas também produz imagens capazes de imaginar aquilo que poderia ter sido visto, vivido ou lembrado. Essa categoria evidencia a potência especulativa das imagens sintéticas quando aplicadas às disputas de memória.

Figura 4 – Imagens geradas por IA Generativa.



Fonte: Portilho (2023).

A terceira dimensão observada na análise é a ressignificação. Diferentemente da formulação inicial, esta pesquisa compreende a ressignificação como um gesto transversal que atravessa diferentes usos da IA generativa. Ela ocorre quando imagens sintéticas deslocam sentidos estabilizados sobre sujeitos, territórios, culturas ou acontecimentos, propondo outras formas de visualização e interpretação do passado.

O trabalho de André Lima exemplifica esse gesto ao recriar, com IA generativa, cenas de favela e de carnaval carioca nas décadas de 1960 e 1970. As imagens mobilizam cores, texturas e enquadramentos associados à fotografia analógica, buscando produzir uma visualidade compatível com o período representado. No entanto, o elemento mais relevante está na forma como esses territórios e sujeitos são representados.

Figura 5 – Imagens geradas por IA Generativa.



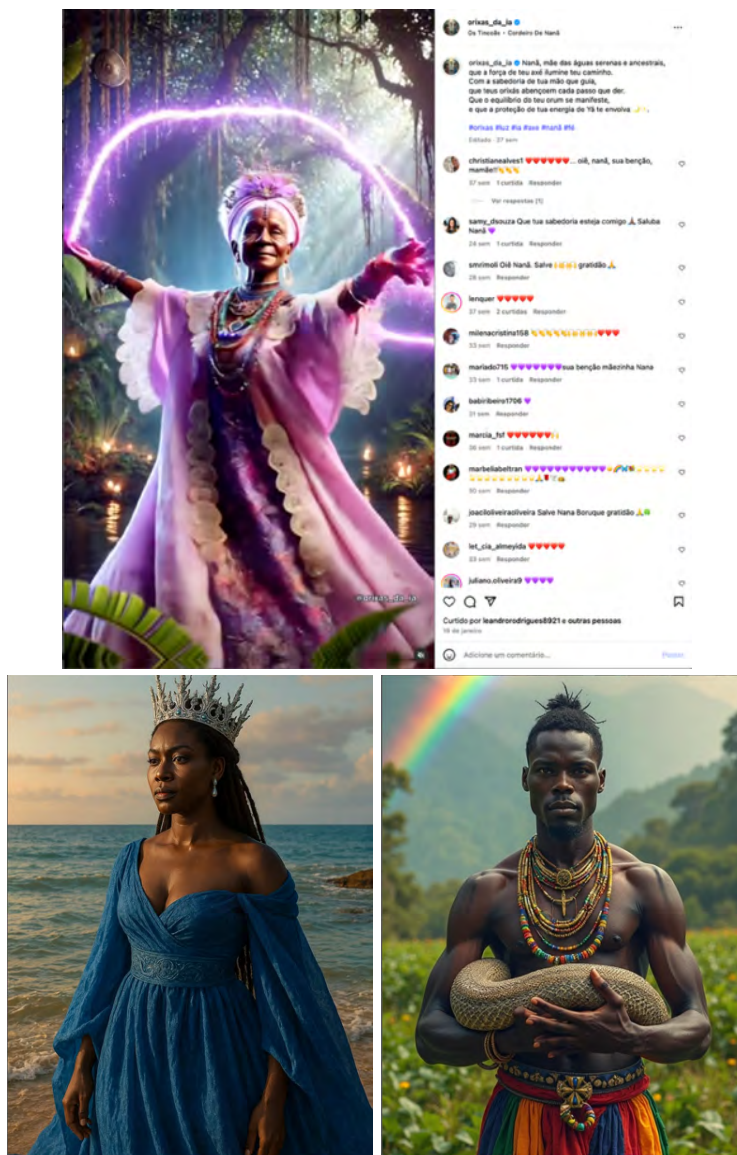
Fonte: Portilho (2023).

Ao representar a favela e o carnaval a partir de cenas de alegria, convivência, presença coletiva e pertencimento cultural, as imagens deslocam enquadramentos historicamente marcados pela marginalização. A IAG é utilizada para produzir uma visualidade em que grupos populares não aparecem apenas sob o signo da precariedade ou da violência, mas também como sujeitos de memória, cultura e experiência urbana. Nesse sentido, a ressignificação opera como reordenação simbólica do passado.

O perfil Orixás da IA também permite pensar a ressignificação como gesto transversal. Criado em ambiente digital, o perfil utiliza recursos de IA generativa para circular imagens, vídeos e textos relacionados a orixás, à ancestralidade e aos saberes afrodiáspóricos. Nesse caso, a IA é mobilizada para elaborar visualidades ligadas a cosmologias afro-brasileiras, articulando tecnologia digital e memória ancestral.

A presença de orixás em imagens geradas por IA desloca a associação mais comum entre inteligência artificial, futuro e racionalidade técnica ocidental. Ao inserir saberes de religiões de matriz africana em ambientes digitais, essas produções tensionam os limites entre tradição e tecnologia. A ancestralidade, nesse caso, aparece não vestígio do passado, mas como força ativa de atualização simbólica.

Figura 6 – Imagens geradas por IA Generativa.



Fonte: Capturas de tela (@orixas_da_ia)

É importante, contudo, evitar uma associação automática entre a identidade dos produtores ou os temas representados e um caráter necessariamente emancipatório das imagens. Como apontado pelos avaliadores, a relação entre tecnologia, raça, ancestralidade e disputa epistêmica precisa ser qualificada. Por isso, mais do que afirmar que toda produção feita por sujeitos racializados constitui enfrentamento ao epistemicídio, é necessário observar que determinadas apropriações da IA podem participar de processos de reexistência simbólica quando tensionam apagamentos históricos, ampliam repertórios visuais e propõem outras formas de presença no campo das imagens.

A resignificação deve ser entendida como um efeito analítico produzido pela articulação entre imagem, contexto, circulação e repertório cultural. Ela não está dada automaticamente pela tecnologia nem pela autoria, mas emerge das operações simbólicas realizadas pelas imagens e dos modos como elas deslocam visualidades hegemônicas.

Discussões e considerações finais

Este artigo analisou de que modo imagens produzidas por Inteligência Artificial generativa participam da reconstrução visual da memória coletiva e das disputas simbólicas em torno do passado. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, foram examinadas produções de Brunno Sarttori, Mayara Ferrão, Pedro Garcia, André Lima e do perfil Orixás da IA, selecionadas por mobilizarem a IA generativa como mediação técnica e estética para representar, imaginar e resignificar temporalidades passadas.

Os resultados indicam que as imagens analisadas não operam de maneira homogênea. Em alguns casos, como nas recriações de personagens de Castelo Rá-Tim-Bum realizadas por Brunno Sarttori, a IA generativa atua na atualização de memórias midiáticas compartilhadas, acionando nostalgia, reconhecimento e celebração de referências culturais já consolidadas. Nessa dimensão, o passado aparece como um repertório afetivo reconhecível, reativado por meio de novas materialidades visuais.

Em outros casos, como nos trabalhos de Mayara Ferrão e Pedro Garcia, a IA generativa participa da construção de imaginários do passado. Nessas produções, o interesse não está na reconstrução fiel de acontecimentos históricos, mas na elaboração de passados possíveis, especulativos e fabulados. As imagens de Mayara Ferrão, especialmente, evidenciam como a aparência documental pode ser mobilizada para tensionar lacunas dos arquivos coloniais e imaginar cenas de afeto, presença e dignidade protagonizadas por pessoas negras e indígenas. Já o projeto de Pedro Garcia articula carnaval, fotografia e IA para produzir visualidades que transitam entre a memória cultural e a invenção estética.

A análise também permitiu compreender a resignificação como um gesto transversal às imagens estudadas. Nas produções de André Lima e no perfil Orixás da IA, a IA generativa é mobilizada para deslocar enquadramentos tradicionais sobre territórios populares, ancestralidade e cosmologias afro-brasileiras. Nesses casos, a tecnologia atua como ferramenta de simulação visual e como meio de reinscrição simbólica de sujeitos, práticas e repertórios culturais frequentemente marginalizados nas visualidades hegemônicas.

Dessa forma, o artigo argumenta que a IA generativa constitui um campo ambivalente de mediação da memória. Por um lado, seus sistemas podem reproduzir padrões visuais, vieses culturais e apagamentos presentes nos dados e repertórios com os quais são treinados. Por outro lado, os casos analisados mostram que essas tecnologias também podem ser apropriadas para produzir imagens que fabulam outros passados, ampliam repertórios de representação e disputam sentidos sobre a memória coletiva. A contribuição do artigo está, portanto, em deslocar a discussão sobre IA e passado de uma abordagem centrada exclusivamente no risco da falsificação para uma compreensão mais ampla das imagens sintéticas como objetos culturais, comunicacionais e políticos.

A proposta analítica apresentada, inspirada na tecnodiversidade, deve ser compreendida como um percurso em desenvolvimento, e não como um método fechado ou universal. As categorias lembrar/celebrar, imaginários do passado e resignificação funcionaram como operadores interpretativos para observar diferentes modos de relação entre IA, imagem e memória. Ao mesmo tempo, a análise mostrou que tais categorias são porosas e podem se sobrepor, especialmente quando imagens nostálgicas também produzem deslocamentos de sentido ou quando imagens fabulativas operam como formas de resignificação histórica.

Como limite da pesquisa, destaca-se o caráter exploratório do corpus, composto por produções específicas em circulação digital. Não se pretende, portanto, generalizar os resultados para todos os usos da IA generativa na representação do passado. Também se reconhece que a análise se concentrou nas imagens e em seus contextos públicos de circulação, sem investigar de forma aprofundada os processos técnicos de geração, os comandos utilizados, os modelos empregados ou as recepções dos públicos. Esses aspectos constituem caminhos relevantes para pesquisas futuras.

Por fim, conclui-se que imagens geradas por IAG devem ser analisadas não apenas pela sua capacidade de produzir semelhança ou ilusão de realidade, mas pelos modos como reorganizam visualmente lembranças, ausências e possibilidades históricas. Ao representar o passado, essas imagens participam de disputas sobre quem pode ser lembrado, de que maneira determinadas experiências são visualizadas e quais memórias ganham novas condições de circulação no presente.

Referências

- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Papirus Editora.
- Badauê. (2024). Inteligência artificial, decolonialidade e coragem por Mayara Ferrão. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de <https://l1nq.com/ZqiV6>.
- Benjamin, W. (2012). O narrador: considerações sobre a arte de Nikolai Leskov. In *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas vol.1* (pp. 213-240). Brasiliense.
- Boden, M. (2020). *Inteligência artificial: uma brevíssima introdução*. Editora Unesp.
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico*. Edições 70.
- Burke, P. (2017). *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Editora Unesp.
- Coeckelbergh, M. (2023). *Ética na inteligência artificial*. Editora PUC Rio.
- Domenech, J. M. (2011). *A forma do real: introdução aos estudos visuais*. Summus.
- Faustino, D. M., & Lippold, W. (2023). *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo Editorial.
- Gombrich, E. (1999). *A história da arte*. LTC.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. Centauro.
- Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. Ubu Editora.
- Huysen, A. (2000). *Seduzidos pela memória*. Aeroplano.
- Kastrup, V. (1997). *A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: An introduction to its methodology* (2ª ed.). Sage Publications.
- Lee, K.-F. (2019). *Inteligência artificial: Como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos* (1ª ed.). Globo Livros.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela*. Belo Horizonte: Cobogó. (Coleção Encruzilhada).
- Portilho, O. (2023, 17 de fevereiro). Carnavais artificiais. *UOL*. Recuperado em 27 de março de 2025, de <https://www.uol.com.br/nossa/reportagens-especiais/carnavais-artificiais/#cover>
- Nora, P. (1997). *Le lieux de mémoire*. Quarto Gallimard.
- Regis, F. (2012). *Nós, ciborgues: Tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina* (1ª ed.). PUCPress - Editora Universitária Champagnat.
- Sanglard, F. N. (2017). *Verdades possíveis: O jornalismo brasileiro e as narrativas sobre a ditadura durante o funcionamento da Comissão Nacional da Verdade* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).
- Santaella, L. (2023). *A inteligência artificial é inteligente?*. Edições 70.
- Santos, B. de S. (2014). *Epistemologies of the South: Justice against epistemicide*. New York, NY: Routledge.

Sarttori, B. (2024, setembro 4). Este ano, o "Castelo Rá-Tim-Bum" comemorou 30 anos de estreia na TV Cultura. [Imagem]. Instagram. https://www.instagram.com/p/C_fpS9EsWIP/?img_index=1

Walsh, C. (2013). *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Durham, NC: Duke University Press.